

REVISTA DO MINHO

PARA O ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Dirigida por José da Silva Vieira

VESTIGIOS DO TOTEMISMO NOS AÇORES

A literatura do totemismo especialmente representada nas obras de Mc. Lennan,—que primeiramente reconheceu a sua importancia para a historia primitiva da sociedade,—Tylor, John Lubbock e Girard de Rialle, achava-se reduzida até agora às noticias esparsas pelos livros dos viajantes e extractadas nos trabalhos ethnographicos d'aquelles e de outros escriptores. Ainda não tinham sido colligidos todos os factos dispersos, e classificados methodicamente. Incumbio-se recentemente d'essa tarefa um erudito inglez, o sr. Frazer, em uma monographia muito completa, intitulada *Totemism*.

Foi a leitura d'esse interessante estudo de ethnographia comparada que me sugerio a idéa de reunir, neste artigo, varias tradições açorianas, que me parece

constituirem vestigios bem caracteristicos do totemismo entre o nosso povo, embora durante tão largo periodo de sobrevivencia tenham perdido já, como é natural, a sua significação inicial. Antes de proceder a tal inventario supponho conveniente, porem, dar aqui uma explicação preliminar sobre o que seja o totemismo e a sua delimitação exacta, para os menos familiarisados com estes assumptos.

Eis a definição apresentada pelo sr. Frazer: «Um *totem* é uma classe de objectos materiaes que o selvagem considera com um respeito supersticioso, acreditando que entre elle e cada membro d'essa classe existe uma relação intima e muito especial.» Mas, o totemismo não é o mesmo propriamente que o fetichismo. «Um *totem*», continúa o auctor inglez, «distingue-se do feitiço, porque nunca é um individuo isolado, mas sempre uma classe de objectos, geralmente uma especie animal ou vegetal, mais raramente

uma classe de objectos inanimados naturaes, e menos vezes ainda de objectos artificiaes.» A apreciação do aspecto social do totem, a averiguação da sua origem e da sua passagem para uma forma mais elevada de crença, não podem ter cabida neste lugar. Não me occuparei, mesmo, das differentes categorias em que se dividem os totems, considerando apenas duas, que são as que nos interessam directamente: o totem domestico e o totem individual.

Uma superstição que se conserva ainda bem viva em S. Miguel è a de que numa casa em que ha pombas, a sua morte ou a sua desapareição representa um presagio de que vão succeder desgraças á familia que a habita. D'esta superstição existem outras versões em diversos pontos do continente, referidas pelo meu amigo dr. Leite de Vasconcellos nas suas *Tradições populares de Portugal*, p. 157; e Bernoni dá testemunho da sua existencia na Italia tambem, nas suas *Credenze popolari veneziane*, p. 22. Como se vê, o caracter do totem domestico ligado á pomba parece, neste caso, bem estabeleci-

do. Em Samos ha um clan do pombo, que guarda cuidadosamente um (Turner, *Samoa*, p. 64, apud. Frazer), o que confirma a minha interpretação do prejuizo michaelense de uma maneira completa.

Em certas tribus africanas a aparição do animal totem proximo da habitação è considerada como signal de morte proxima. (Frazer, p. 35). Em S. Miguel quando se ouve piar o mocho no telhado ou nas proximidades da casa em que existe algum doente, considera-se o facto como agouro da sua morte proxima. Na Baixa Bretanha acredita-se que os corvos annunciam o passamento do enfermo quando adejam por cima do sitio em que elle está, porque presentem, pelo olfacto, a morte, tres dias antes (*Panorama*, t. I, p. 271, 1.^a col.) Esta superstição parece ter, porem, uma verdadeira forma totemica, conforme uma variante registada na *Revue Celtique*, vol. I, p. 269.

No *Almanack Insulano*, primeiro anno, p. 161, um collaborador refere o seguinte uso nupcial da Terceira: «Nas freguezias das Lagens e Villa Nova, é costume an-

liquíssimo, e escrupulosamente observado, serem os noivos presenteados pelos padrinhos com um, ou dois carros de lenha da mais grossa e quasi sempre de cedro. Esta offerta é colocada fora da casa dos noivos, à beira da estrada, mas dentro da sua propriedade, quasi sempre nos pateos a que vulgarmente chamam ruas; e ali se conserva annos e annos, como temos presenciado; e até que o tempo a consuma, como nos informaram. Em 1858 ali vimos duas d'estas *pyras* formadas de grossos troncos de cedro, alguns já comidos do tempo, e em 1870 ainda os fomos encontrar, como 12 annos antes os tinhamos visto!» Encontram-se no livro de Frazer, descriptas varias cerimoniaes nupciaes cuja intenção parece ser identificar os recém-casados com o seu totem, e assim apprehendemos o criterio interpretativo do costume terceirense.

Não deve matar-se o animal totem Frazer, pp. 11 sgg.) Nos Açores succede isso com a labandeira (cuja lenda local está já publicada na *Revista Lusitana*, vol. II, p. 50) e com as mariposas nocturnas. E quando se mata ou

faz mal ao animal totem incorre-se em penas (idem, p. 13). Nas ilhas é muito vulgar dizer se, como no continente também já tenho ouvido com outras variantes, que quem mata um gato tem sete annos de trabalhos.

O totem individual, cujas relações com a pessoa começam e acambam com ella, (Frazer, p. 75) e de que ha exemplos correspondentes, numerosos na America do Norte e poucos na Australia, revive também, em S. Miguel pelo menos, em um vestigio sufficientemente característico, de que o meu mestre e amigo dr. Theophilo Braga fez já menção, no *Positivismo*, vol. II, p. 26, e depois na obra *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e tradições*, vol. II, p. 19, d'onde transcrevo: «Na ilha de S. Miguel quando vae um rapaz para o Brazil, ou para as baleeiras americanas, pendura-se ao canto da casa uma pequena planta de piteira, a que nos Açores se chama babosa; se a planta se conserva verde, o ausente está de saude, se amarellece é porque morreu. Max Muller notou este uso supersticioso em uma tradição da America central,

em que dois irmãos deixaram plantadas duas canas, para durante a ausencia se saber por ellas se estão vivos ou mortos; no conto allemão colhido pelos sabios Grimm, são dois lirios de oiro, que dirão se os ausentes passam bem, se floresceram, ou se morreram, no caso de murcharem. Grimm determina um paradigma indiano, o que leva a reportar esta crença, não a uma origem indiana, mas a um solo protohistorico representado pelas raças da America, e pelo elemento peninsular das colonias açorianas. A citação de Max Muller refere-se aos *Essais de Mythologie comparée*, tr. francesa, p. 318; e o conto allemão é da collecção dos irmãos Grimm.

Os factos colligidos são os que me ocorrem nesta ocasião; outros haverá, porém, do mesmo genero, que me são desconhecidos. Pena é que ninguem se dedique, nos Açores, a esta classe de estudos, que tanto interesse despertam, e tão pequeno sacrificio exigem, no fim de contas.

Armando da Silva.



Gato Escaldado...

Dá-se como origem d'este aneddotico a seguinte velha anedocta:

«Um padre muito amigo de gatos, tinha por costume rodear-se d'elles á sua pequena meza de jantar a dar-lhes de comer, de maneira que as sóbras eram bem poucas para o pobre sachristão que o servia: tambem usava o bom do padre aspergir de agua benta as comidas, participando os gatos da aspersão.

Um dia em que o padre teve de ir prégar a uma freguezia proxima, ficou o creado sachristão em casa, e antes de ir para a meza de jantar, mergulhou o hyssope em agua a ferver, e esperou os gatos. Vieram elles logo que lhes deu o cheiro da comida e o creado aspergiu-os então fortemente a valer, fugindo em debandada toda a gataria.

No dia seguinte, quando o padre se dispoz a jantar, vieram os gatos rodeal-o, mas assim que o viram pegar no hyssope. pernas para que te quêrot Saltam por cima da meza, a fugir, quebrando pratos, terrinas, e fazendo um estardalhaço de mil diabos.

Espantado, o padre pergunta ao creado a razão do caso:

—Meu senhor, disse elle—é que o gato escaldado de agua fria tem medo.



O VESTUARIO JAPONEZ

O vestuario dos japonezes varia segundo a idade e a condição d'ellas. Basta um olhar, de quem esteja ao facto d'essas variantes, para se saber se uma japoneza é solteira ou casada, e até proximamente a idade que tem.